MOLL FLANDERS

de Daniel Defoe
(1660 – 1731)

RESUMO DA NARRATIVA

Daniel Defoe foi um desses homens que lutaram muito para conviver com o seu tempo, como sugere o seu sobrenome Foe (depois, Defoe) que significa “inimigo”. Começando a vida na defensiva, por ter origem holandesa e religião presbiteriana, Daniel Defoe passa por duas fases intermediárias – empresário (mal sucedido) e homem político (desastrado) – antes de descobrir sua verdadeira vocação de romancista, que só afloraria em 1719 com “A Vida e as Estranhas Aventuras de Robinson Crusoé de York, Marinheiro”, o livro que o notabilizou. O autor já tinha, então, 59 anos e havia escrito centenas de textos econômicos e políticos. Depois de Robinson Crusoé, segundo Otto Maria Carpeaux *“o maior livro infantil da literatura universal”*, a mais importante obra de Daniel Defoe é “As Confissões de Moll Flanders ou Sucessos e Desgraças da Famosa Moll Flanders”, publicada em 1722 e estilizada como um romance picaresco espanhol.

Como o autor nos conta no prefácio, “Moll Flanders” é a autobiografia de uma mulher *“corrompida desde a juventude, ou antes, sendo ela mesma o rebento do vício e da devassidão, aparece para relatar suas práticas viciosas e até para descer às particularidades e circunstâncias que primeiro a tornaram perversa e à escala do crime por ela percorrida em três vintenas de anos, é natural ver-se um escritor em dificuldades para revestir de decência um tal relato, de maneira a não proporcionar a ocasião, especialmente a leitores viciosos, de transformá-lo em desvantagem para o escritor”*. Além disso a personagem nasceu em uma penitenciária, casou-se cinco vezes (uma delas com o próprio irmão), foi ladra por outros doze anos e deportada para a Virgínia até finalmente atingir a realização.

O modelo para a personagem deve ter vindo de alguém que o próprio autor conheceu na prisão de Newgate, onde esteve preso por alguns meses em 1703 por razões políticas, ou de uma carta que uma ladra, de volta do exílio, enviou ao jornal que Defoe dirigia. Também há quem veja a inspiração numa personagem real, Mary Frith, a “Moll cortadora de bolsas”. Seja como for, Defoe construiu seu romance com realismo muito original para a época, antecipando a segunda metade do século XIX, mas preservando um sabor jornalístico imprescindível numa época em que o gênero romanesco era praticamente desconhecido.

A narradora, com cerca de setenta anos, começa a história dizendo que o seu nome real só é conhecido nos registros das penitenciárias de Newgate e Old Bailey.

> *“Talvez seja suficiente que eu vos diga que algumas das minhas piores camaradas, agora impossibilitadas de me fazer mal, pois já saíram deste mundo pelo caminho da escada e da corda, que eu mesma pensei seguir tantas vezes, conheceram-me pelo nome de Moll Flanders, e assim talvez eu possa passar sob este nome, até que ouse declarar de vez quem fui e quem sou.”* (pág. 11)

Sua mãe havia sido presa por *“um furto insignificante, indigno até de ser mencionado”* e condenada à morte. “Alegando sua gravidez”[1] conseguiu adiar sua execução e acabou deportada para a América. Até os três anos, a heroína foi criada por ciganos, depois abandonada em Colchester e enviada pelas autoridades locais para a casa de uma senhora empobrecida, uma espécie de “mãe social” a que ela se refere sempre como zeladora[2] que a educou na arte do bordado e lhe ensinou boas maneiras.

> *“Essa boa mulher possuía, também, uma pequena escola por ela mantida para ensinar as crianças a ler e costurar. Tendo, como já disse, vivido outrora com meios mais amplos, educava agora as crianças não só com bastante arte mas com muito cuidado. Porém, o que valia mais do que tudo isto, era que ela os educava também muito religiosamente, sendo mulher sóbria e piedosa, além de asseada dona de casa, e, finalmente, de hábitos e costumes honestos. E se nada falássemos a respeito da alimentação comum, dos péssimos aposentos e das roupas grosseiras, poderíamos dizer que havíamos sido educadas em meio tão elevado quanto na classe de um mestre de dança.”* (pág, 13)

Quando Moll atinge oito anos, decide não se tornar criada, seu destino natural segundo as autoridades da cidade, por causa de sua carência absoluta de meios. Ela insiste em tornar-se uma *“dama de qualidade”*, exatamente como uma vizinha que admira e parece ser costureira, mas que é, na verdade, prostituta. Todos riem das pretensões ingênuas da menina, cuja inocência e determinação encantam a zeladora, que decide manter Moll como sua assistente. A menina escapa de virar criada.

Moll, por ser bonita e inteligente, torna-se a criança favorita das senhoras ricas que visitam a casa da zeladora e lhe dão pequenas quantias para suas despesas pessoais. Moll ganha dinheiro bordando também: *“Ao atingir os doze anos, não só pagava à zeladora o que ela despendia comigo, como ainda me vestia e guardava algumas economias”.* Todos têm curiosidade sobre esta menina fora do comum:

> *“Afinal elas me perguntaram o que significava ser ‘dama de qualidade’ – e isto me perturbou extraordinariamente. Entretanto, expliquei de maneira negativa que era uma pessoa que não se dedicava aos afazeres pesados. Ficaram muito encantadas, a minha tagarelice lhes satisfez, parecendo-lhes bastante agradável. Depois disso me deram algum dinheiro. Quanto a este, eu o entreguei à minha zeladora, como a chamava, prometendo que ela teria, como naquele momento, tudo o que eu viesse a ganhar mais*

[1] Nota do resumidor – *“Pleading for her belly”* é o recurso oferecido para mulheres grávidas para adiarem a aplicação da pena de morte.

[2] Nota do resumidor – Salvo raras exceções, as personagens do romance não são referidas por nomes, artifício artístico de que Defoe lança mão para sugerir a discrição que confirmaria a veracidade da história.

tarde. Por essa e outras coisas que eu dizia, a minha velha amiga começou a perceber o que significava para mim ser 'dama de qualidade', isto é, apenas ganhar o pão à custa do meu próprio trabalho. Finalmente me perguntou se era exatamente aquilo. Respondi que sim, insistindo eu em explicar-lhe que viver dessa maneira era ser dama, segundo o modo que eu imaginava. Porque, acrescentei, citando o nome de uma mulher que consertava rendas e lavava as toucas das senhoras, esta sim, é uma dama de qualidade e chamam-na de 'madame' ". (pág. 17)

A zeladora morre e Moll, com catorze anos, é adotada por uma das famílias ricas de Colchester, que a trata como filha (há duas meninas e dois meninos na casa).

"Ali continuei até a idade de dezessete a dezoito anos e tive todas as vantagens de educação que podem imaginar. Essa senhora tinha professores que vinham ensinar suas filhas a dançar, a falar francês e a escrever, e outros para ensinar-lhes música. Como eu estivesse sempre em sua companhia, aprendia tão depressa quanto elas; e se bem que os professores não fossem pagos para me ensinar, eu aprendia por imitação e perguntas tudo o que elas aprendiam por instrução e direção. Em suma, aprendi a dançar e falar francês tão bem quanto elas e a cantar melhor ainda, porque tinha voz mais agradável.

(...)

Por essa maneira, tive, como disse, todas as vantagens de educação que poderia ter se tivesse sido uma senhorinha de qualidade como aquelas com quem vivia, sendo que, em alguns pontos, levava vantagens sobre elas, se bem que fossem minhas superioras: isto é, em mim eram dons naturais que toda sua fortuna não poderia fornecer. Primeiramente, eu era mais bonita e fazia melhor figura do que qualquer delas; em segundo lugar, eu era mais bem feita; em terceiro, cantava melhor, porque, como já disse, possuía melhor voz; isto não pelo meu próprio julgamento, mas pela opinião de todos aqueles que conheciam a família. Aliava a tudo isso a vaidade comum ao meu sexo, pois era realmente considerada como muito bonita, ou melhor, como uma beleza autêntica." (págs. 21-22)

Na medida em que Moll começa a tornar-se mulher, é percebida pelos dois rapazes que vivem na casa. O rapaz mais velho a acaba seduzindo (propondo a ela *"agir como se eles fossem casados"*) e prometendo-lhe casamento quando ele recebesse parte da sua herança, tendo de ficar a relação, enquanto isso, secreta. Ele lhe dá dinheiro após cada encontro. Desta feita, tendo se transformado numa espécie de amante, ela se acha perdida.

"Deste modo eu me entregava à ruína sem a menor inquietação. Poucas coisas foram tão completamente estúpidas de ambos os lados. Se eu tivesse agido de acordo com a decência e resistido, como o exigiam a honra e a virtude, ou ele teria renunciado aos seus ataques, não encontrando mais oportunidades que lhe dessem esperanças, ou, então, teria sido levado a belas e decentes propostas de casamento." (pág. 28)

Por outro lado, Robin[3], o irmão mais novo, realmente apaixonado por ela, deixa claros seus sentimentos e pede-a em casamento. Moll, que se acreditava comprometida com o irmão mais velho, consulta-o e, para seu espanto, ele sugere que ela aceite a proposta. Moll vê-se assim em situação muito delicada: rejeitada e deflorada pelo mais velho, que ela ama, precisa casar com o mais jovem, que ela não ama, para salvar sua reputação e a do amante. Ela cai de cama com febre delirante.

[3] Nota do resumidor – Robin é apelido de Robert.

"Eu estava, então, numa situação horrível, e arrependia-me de coração de ter cedido ao irmão mais velho, não por reflexão consciente, pois eu era estranha a isso. Mas não podia pensar em ser amante de um irmão e mulher de outro. Veio-me, então, à mente que o mais velho prometera casar-se comigo quando pudesse dispor da sua fortuna. Certo momento, entretanto, eu me lembrei de ter muitas vezes pensado que, depois que ele me conquistara, não me falara mais em casamento. E até aqui, na verdade, se bem que eu diga que pensava nisso frequentemente, devo dizer que pouco me inquietava, pois ele parecia amar-me da mesma forma e se mostrava tão generoso como dantes. Embora ele tivesse a discrição de me recomendar que nada gastasse em roupas, nem fizesse a menor exibição, porque isso necessariamente despertaria suspeita na família, sabendo todos que eu não poderia obter essas coisas por meios comuns, e sim por alguma ligação oculta, que viriam então a descobrir." (pág. 33)

Como Moll demonstra relutância em aceitar a proposta de Robin, exigindo a aprovação familiar, a família meio a contragosto acaba aceitando o casamento, julgando não se tratar de uma caçadora de dotes. Realizadas as núpcias, quando o noivo foi devidamente embriagado por seu irmão para não se dar conta da falta de virgindade da mulher, Moll e Robin vivem juntos por cinco anos e têm dois filhos. O rapaz, no entanto, morre e as crianças ficam com os avós: *"Meus dois filhos, felizmente, me foram tirados pelos pais de meu marido, e esse foi o mais seguro que eles tiveram de Mme. Betty*[4]*"*. Ela deixa os filhos, mas leva para viuvez a quantia de 1.200 libras[5] e fica solta no mundo fazendo o papel de jovem viúva rica, freqüentando festas e vivendo à larga.

"Confesso que a morte de meu marido não me causou a mágoa que convinha. Não posso dizer que o tivesse amado como devia ou que tivesse correspondido à ternura que ele mostrou por mim, pois era o homem mais delicado, mais dócil e de melhor gênio que qualquer mulher poderia desejar. Mas seu irmão, que estava continuamente diante dos meus olhos, pelo menos durante a nossa estada no campo, era para mim mais agradável e consolador. Nunca estive uma só vez no leito com meu marido sem desejar estar nos braços do outro. E, se bem que ele tivesse demonstrado por mim uma afeição dessa natureza, depois do nosso casamento, conduziu-se justamente à maneira de um irmão. Para mim, entretanto, era impossível ter os mesmos sentimentos para com ele. Em resumo, não se passava um só dia em que não cometesse adultério e incesto nos meus desejos o que, sem dúvida, era tão criminoso quanto o próprio ato." (págs. 57-58)

Moll decide-se casar mais uma vez e encontra um comerciante de tecidos, um verdadeiro *gentleman* que é, em contrapartida, um tipo irresponsável que desperdiça os recursos do casal e acaba preso por dívidas.

"Mas fui precipitada, pelo meu capricho de casar com um cavalheiro, a arruinar-me da maneira mais grosseira como nenhuma outra mulher no mundo o faria. Meu novo marido, descobrindo subitamente que eu possuía dinheiro, caiu em tais gastos que tudo o que tínhamos não daria para mais de um ano." (págs. 59-60)

O homem consegue fugir da prisão e escapar para a França, liberando Moll do compromisso matrimonial. Como a moça teme responder com o que sobrara do seu patrimônio pelas dívidas do marido fujão, muda o nome para Moll e troca de endereço, passando a viver na casa de uma jovem viúva de um capitão. A amiga casa-se de novo, deixando-a novamente sozinha no mundo. Antes

---

[4] Nota do resumidor – Até então, a narradora nos diz que seu nome era Betty.

[5] Nota do resumidor – Pequena fortuna para a época.

disso, Moll e a moça montaram uma armadilha casamenteira, espalhando na sociedade o boato de que Moll teria grande fortuna. O estratagema de fato funciona e ela recebe vários pretendentes, dentre os quais escolhe um com base no seu amor aparente.

> *"Com essa reputação de fortuna, achei-me logo cheia de admiradores. E, tendo que fazer um jogo sutil, nada mais me restava a escolher entre o mais conveniente aos meus intentos, isto é, o homem que parecesse mais disposto a escutar os 'dizem' sobre minha fortuna e a não indagar muito dos pormenores. A não ser assim eu não alcançaria o objetivo, pois a minha situação não admitia uma investigação muito estrita.*
>
> *Reconheci o homem que me serviria sem dificuldade, pela observação que fiz do seu modo de cortejar-me. Deixei-o mergulhar-se em protestos de que me amava mais do que todo o mundo e que se eu quisesse torná-lo feliz ele nada exigiria. Coisas que, eu sabia, eram baseadas na suposição de que eu fosse muito rica, embora não tivesse feito a menor alusão a isso.*
>
> *Era este o meu cavaleiro."* (pág. 65)

Depois deste terceiro casamento, ela revela ao marido não ter tanto dinheiro conforme ele poderia estar pensando, embora não pudesse ser acusada de mentir, porque nunca havia dito nada diretamente sobre seus haveres (os boatos haviam falado). Seu marido confia-lhe que as finanças dele também não eram tão boas quanto ela poderia ter imaginado e propõe que partam juntos para a Virgínia[6] para explorar a propriedade agrícola (*"plantation"*) que ele teria por lá. De fato, o casal muda-se para a América e vivem juntos muitos anos, produzindo três filhos, dos quais apenas dois sobrevivem. Com o passar do tempo, em conversas com sua sogra sobre os antigos degredados que haviam feito fortuna ali, Moll chega à terrível conclusão de que aquela mulher na sua frente era sua própria mãe, o que transformava seu marido em seu irmão.

> *"- Minha filha, talvez você mal conheça tudo isso, Pode ser mesmo que nunca tenha ouvido falar. Mas esteja certa, disse ela, e nós todos o sabemos,que somente a prisão de Newgate engendra mais ladrões e miseráveis do que todos os clubes e associações de criminosos da nação. É esse lugar maldito que povoa metade desta colônia.*
>
> *Aqui, ela continuou a contar sua história tão minuciosamente, que comecei a sentir-me perturbada. Mas quando chegou a uma circunstância particular que a obrigava a me dizer seu nome, acreditei que eu ia desfalecer. Ela viu que não me sentia bem e perguntou-me o que tinha, o que me fazia sofrer. Disse-lhe que estava tão comovida pela história que me narrara que a emoção fora forte demais para mim. Pedi-lhe então, que não falasse mais."* (pág. 73)
>
> *(...)*
>
> *"- Filha desgraçada! Que destino miserável pôde trazê-la até aqui? E ainda mais nos braços de meu filho! Filha infeliz, estamos perdidas! Casada com o próprio irmão! Três filhos, dois vivos, e todos da mesma carne e do mesmo sangue! Meu filho e minha filha dormindo juntos como marido e mulher! Oh! que confusão louca! Família miserável! Que será de nós? Que vamos fazer? Que poderemos fazer? "* (pág. 80)

Sua agora mãe/sogra sugere que ela esconda o assunto, prometendo-lhe, em troca, uma herança extra, mas Moll não suporta mais o contato físico com seu irmão/marido, apesar de o julgar o mais

---

[6] Nota do resumidor – Virginia era na época uma colônia americana, para onde iam emigrantes livres e deportados ("*transported*") pelo sistema jurídico inglês, ambos para trabalhar nas "*plantations*". Apesar de o romance se passar entre 1613 e 1683, o *Transportation Act* só foi estabelecido em 1718.

gentil dos homens, e resolve contar tudo a um homem que, em conseqüência, arrasado, fica muito doente e tenta o suicídio. Com o tempo ele concorda com ela voltar para a Inglaterra, levando sua metade do patrimônio, sob a forma de um carregamento de mercadorias valiosas. Os filhos ficam na Virgínia e ela, assim que chegasse à Europa, trataria de fazer chegar ao irmão/marido a falsa notícia de sua morte.

Após oito anos na América, Moll chega à Inglaterra por tormentosa viagem de navio e descobre que a carga foi destruída nos porões e ela está novamente com pouco dinheiro e sem posses.

> *"Eu tinha agora diante dos olhos uma nova cena de vida cuja aparência era horrível. Partira com uma espécie de adeus final: o carregamento que trouxera comigo era realmente considerável; se tivesse chegado em bom estado eu teria podido casar novamente e bem. Mas, com o acontecido estava reduzida ao todo a duzentas ou trezentas libras, e sem nenhuma esperança de acréscimo. Estava além disso inteiramente sem amigos, ou mesmo sem relações, pois acreditava que era absolutamente necessário não reatar conhecimentos antigos. E quanto à minha boa amiga que me havia preparado então para pescar uma fortuna, estava morta e o marido também."* (pág. 88)

No lugar de voltar para Londres, onde a vida era mais cara, a moça segue para Bath, um centro de turismo elegante, pensando em encontrar lá seu próximo marido.

> *"Bath é um lugar de bastante galanteria, custoso e cheio de armadilhas. Fui aí, na verdade, com o fim de agarrar o que se me oferecesse. Mas devo fazer-me justiça em afirmar que as minhas intenções eram absolutamente honestas e que não estava, a princípio, obcecada pelas idéias que me levaram logo depois ao caminho em que me deixei seguir."* (pág. 89)

Em Bath, Moll é desejada basicamente como amante, mas entre os assediadores há um homem elegante, rico, casado com uma mulher mentalmente doente, que lhe propõe uma relação platônica em troca de dinheiro. Ela aceita. Numa viagem a Londres, este cavalheiro (que é muito gentil) fica doente e manda chamá-la de Bath para cuidar dele. Permanecem juntos dois anos sem relações sexuais até que uma noite, numa estada em Bristol, após farto consumo de vinho, são forçados a dormir no mesmo quarto, caem na tentação e iniciam uma relação carnal que iria durar perto de seis anos. Moll se arrepende:

> *"Se tivéssemos continuado assim, confesso que teríamos boas razões para nos vangloriarmos. Mas, dizem os sábios, não convém aventurar-se muito à beira de um mandamento. E assim, nos encontramos. Ainda aqui devo ser justa e confessar que a primeira infração não partiu dele. Uma noite, quando estávamos deitados, bem aquecidos e alegres, pois tínhamos bebido um pouco mais que de costume, eu lhe disse (e repito com vergonha e horror) que o meu coração desejava libertá-lo da sua promessa por uma noite apenas.*
>
> *Ele tomou-me imediatamente ao pé da letra e depois disso não houve meio de resistir. E é verdade que não senti vontade de opor-me por mais tempo.*
>
> *Rompeu-se dessa forma o controle da nossa virtude, trocando eu o lugar de amiga pelo título mal sonante de concubina. Pela manhã estávamos arrependidos. Chorei amargamente e ele também ficou triste. Mas era tudo o que podíamos fazer. E, achando-se livre o caminho e derrubadas as barreiras da virtude e da consciência, tínhamos agora que lutar contra obstáculos menores."* (págs. 97-98)

Moll nos conta que *"repetiram o seu crime quantas vezes o desejaram"* até que se deu o que ela temia, ficar grávida de um menino, o primeiro de uma série de três, de que os dois últimos não sobreviveram. Apesar disso, tudo corre bem até este cavalheiro adoecer novamente, ver a morte de perto, ter uma crise de consciência e repudiar a relação adúltera com Moll como conseqüência de sua recuperação moral, propondo-lhe uma indenização. O que acaba morrendo é a relação dos dois, cujos salvados econômicos ela tenta melhorar. Moll, que não o amava, inventa pretexto para melhorar sua parte:

> *"Em seguida expus-lhe minha própria situação em termos muito comoventes. Disse-lhe que alimentava a esperança de que o desespero que despertara nele a sua generosa amizade por mim pudesse agora fazê-lo com que se apiedasse um pouco da minha sorte, embora julgasse que a nossa criminosa ligação, em que nenhum de nós desejara cair, estivesse rompida para sempre. Achava-me sinceramente tão arrependida quanto ele, mas suplicava-lhe que me deixasse numa situação em que não estivesse exposta às tentações diante da horrível perspectiva de pobreza e desespero. E que se tivesse alguma apreensão quanto aos aborrecimentos que pudesse vir a causar-lhe pedia que me favorecesse os meios de voltar para junto de minha mãe na Virgínia, donde viera, como era do seu conhecimento, o que poria a termo todos os receios que porventura alimentasse. Concluí afirmando que se me quisesse mandar 50 libras a mais para facilitar a minha partida, eu lhe mandaria uma quitação completa, prometendo não o importunar mais, a não ser para pedir notícias de meu filho, que eu mandaria buscar se encontrasse minha mãe viva e a minha situação fosse folgada.*
>
> *Ora, tudo isso era mentira, pois não tinha nenhuma intenção de voltar à Virgínia, como qualquer pessoa poderá ver pelo relato que fiz do que se passou ali. Mas o meu intento era tirar dele essas últimas 50 libras sabendo muito bem que era o último real que conseguiria dele."* (pág. 105)

Moll Flanders tem agora quarenta e dois anos e não é mais jovem, mas quer achar novo marido. Tem 450 libras. Faz amizade com uma moça, a quem confidencia ter algum dinheiro, e esta a convida para hospedar-se numa família católica em Lancashire, onde ela pretende apresentar-lhe o irmão dela, Jemy[7], que seria rico e estaria à procura de casamento. Molly e Jemy se casam, mas logo descobrem que, apesar de se amarem sinceramente, nenhum deles tem os recursos esperados, tendo-se ambos enganado sobre a fortuna do outro. Moll também descobre que a tal "irmã" era, na verdade, antiga amante de Jemy, um aristocrata em desgraça financeira. A "amiga" havia inflacionado a fortuna de Moll (que seria, segundo ela, de astrônomicas quinze mil libras), visando comissão por ter fisgado uma "viúva rica" para o antigo namorado quebrado: *"Subitamente, veio-me ao espírito que a minha amiga, que o chamava de irmão, me havia apresentado a ele sob falsas roupagens."*

Jemy, impossibilitado de manter aquele compromisso, parte, libertando-a do vínculo. Eles prometem ver-se novamente.

> *"Afinal nós nos separamos, se bem que com a maior relutância de minha parte. Ele também se despediu muito a contragosto. Mas a necessidade o obrigava, pois as razões que o impediam de ir a Londres eram bem sérias, conforme pude compreender perfeitamente mais tarde.*

[7] Nota do resumidor – Também chamado James.

Dei-lhe o endereço para onde me devia escrever, se bem que guardasse ainda o maior segredo, isto é, sem dizer qual o meu verdadeiro nome, nem quem eu era, nem o lugar onde podia encontrar-me. Ele, por sua vez, me explicou como devia fazer se quisesse mandar-lhe uma carta, a fim de estar certo de recebê-la.” (pág. 135)

Moll Flanders, de novo sozinha, volta a Londres onde descobre estar grávida de Jemy. Muda-se para uma pensão dirigida por uma mulher de reputação questionável. Enquanto isso, um banqueiro, um homem decente, a quem Moll havia confiado o que lhe restava do seu pecúlio antes de viajar a Lancashire, pressiona Moll para casar-se com ele depois de ele conseguir o divórcio de sua mulher indiscutivelmente infiel. Sem que ele saiba, Moll tem o bebê de Jemy e, com auxílio da sua senhoria, o entrega para ser criado por uma camponesa, que receberia 5 libras por ano.

“Procurava sempre conversar sobre este assunto; ela, porém, estava cheia de argumentos, dizia que salvara a vida de muitos cordeiros inocentes, como os chamava, que poderiam ser assassinados, e de muitas mulheres, que desesperadas teriam sido de outro modo tentadas a destruir seus filhos. Concordei que era verdade e que seria bem recomendável se se providenciasse para que as crianças fossem entregues em boas mãos, não sendo assim abandonadas ou maltratadas pelas nutrizes.” (pág. 143)

Sem opções, finalmente Moll concorda com o pedido de casamento do banqueiro (cuja ex-mulher fizera o favor de morrer) e vive uma vida confortável por cinco anos, mas o homem morre de vergonha e desgosto após especulação desastrada que pôs a perder os ativos de seus clientes.

“Foi em vão que me esforcei para o consolar. A ferida foi profunda. O golpe fatal. Ele tornou-se melancólico e inconsolável, caindo em letargia até que morreu. Previ tudo, ficando com o espírito extremamente deprimido, pois via que se ele morresse, evidentemente estaria perdida.

Tive somente dois filhos seus, pois começava agora para mim a necessidade de não ter mais filhos.

Estava com quarenta e oito anos e mesmo que ele tivesse vivido não teria tido outros.” (pág. 161)

Moll está de volta à vida sem marido e agora com duas crianças. Uma delas ela doa[8].

Moll começa a roubar pequenas coisas para ganhar a vida, começando com objetos descuidados.

“Isso era o incentivo. O demônio que havia preparado a armadilha, picou-me, como se estivesse falando, porque bem me recordo e não esquecerei jamais. Foi como uma voz soprada por cima de meus ombros: ‘Toma o embrulho, toma-o depressa, faça-o já e já.’

Apenas isto foi dito, entrei na farmácia e voltando as costas como se me esquivasse de uma charrete que passava, deslizei a mão atrás de mim e segurando o embrulho fugi.” (pág. 163)

No segundo episódio, rouba um colar de pérolas de uma menina que encontra na rua:

“Saí ainda com a luz do dia e andava não sei onde à procura do que não havia perdido, quando o demônio pôs no meu caminho uma armadilha de tal natureza que jamais havia imaginado. Passando em Aldersgate-Street, encontrei uma menina que voltava só da escola de dança. Fui logo tentada e atirei-me para esta inocente criatura.

[8] Nota do resumidor – Sobre o destino da outra, não há pistas no romance.

Falei-lhe e respondeu-me inocentemente. Tomei-a pela mão encaminhando-a por uma calçada cercada de árvores frondosas que davam para Clos Saint-Barthélemy. A criança, admirada, disse-me que não era aquele o seu caminho. Respondi-lhe carinhosamente:

- Náo é bem, querida, o caminho para voltar a sua casa, mas vou mostrar-lhe a estrada exata.

A criança trazia um colarzinho de pérolas e ouro e eu tinha os olhos postos nele. Estava bastante escuro e com o pretexto de amarrar a gola da criança, que estava desfeita, abaixei-me e arranquei-lhe o colar.

Ela nada sentiu e continuei a levá-la. No escuro da aléia, o diabo tentou-me a matá-la. Mas só em pensar nisto, quase caí por terra, tamanho era o meu terror. " (pág. 165)

Como não sabe onde vender os artigos roubados, procura aconselhamento com sua velha amiga, a dona da pensão, que ela chama "a governanta" ou "protetora" e para quem ela executa algum trabalho honesto de bordado. A governanta, no entanto, impressionada com a arte de roubar de Moll, a convence a transformar-se em ladra profissional.

Moll Flandres vai se tornando ladra refinadíssima, aprendendo com outras "profissionais", sofisticando os seus golpes. Vai ficando famosa em Londres por suas façanhas, sem nunca ser descoberta graças a disfarces competentes (que inclui vestir-se de homem) e o uso de comparsas que não raro caem e são mandados à prisão, onde ajudam a espalhar no submundo sua fama de delinqüente incapturável. A governanta está por trás do planejamento dos golpes: *"Em pouco tempo,com a ajuda desta cúmplice, tornei-me ladra tão hábil e sutil como jamais o foi Moll*[9]*, a célebre batedora de carteiras. A minha protetora não mentia."*

Ninguém conhece sua verdadeira identidade e seu verdadeiro endereço, que ela sistematicamente muda, a não ser a governanta que a protege e a ajuda.

Certa vez, Moll vai a uma feira onde encontra um barão que havia bebido demais e a corteja. Acabam dormindo juntos, mas Moll o rouba quando ele adormece embriagado. Quando a governanta fica sabendo do episódio, já que conhecia a identidade do homem, a essa altura preocupadíssimo com ter pego uma doença venérea, monta uma chantagem para revender os bens roubados ao próprio barão, em troca de não contar a ninguém como aqueles bens haviam sido roubados. Ao longo das negociações, o Barão e Moll se encontram e tornam-se amantes por um ano, durante o qual Moll não rouba nada.

Quando a relação acaba, Moll começa a roubar de novo e fica muito rica, graças à sua habilidade "técnica". Infelizmente, ela não sabe parar e acaba sendo pega, tentando remover uma cara peça de seda estampada de uma casa. É levada para a prisão de Newgate, onde aliás havia nascido, não sem antes passar por uma acareação judicial.

"Quando cheguei diante do juiz pleiteei minha causa, dizendo que não forçara as portas para introduzir-me e que nada tirara de dentro da casa. O juiz pareceu inclinado a soltar-me. Mas a malvada jovem afirmou que eu estava pronta para partir com os tecidos quando ela se jogara sobre mim. O juiz, sem nada esperar, ordenou que me

[9] Nota do resumidor – Indicação de que a personagem principal adotou este nome literário que teria pertencido a pessoa real.

prendessem. Levaram-me para Newgate, aquele horrível lugar. Meu sangue gela-se, só de pensar neste nome. O lugar onde tantos de meus camaradas tinham sido aferrolhados, e de onde saíram somente a caminho da árvore fatal. O lugar onde minha mãe tinha sofrido profundamente, onde vim ao mundo, e onde não esperava redenção senão por uma morte infame. O lugar que me havia tanto esperado, e que com tanta arte e sucesso eu soubera evitar.

Estava agora horrivelmente aflita, na verdade. É impossível descrever o terror de meu espírito, logo que me fizeram entrar e que eu considerei em volta os horrores deste abominável lugar. Via-me com que perdida e como se não tivesse nada mais a pensar do que deixar este mundo na mais extrema infâmia. O tumulto infernal, as pragas e clamores, o mau cheiro, a sujeira, e todas as abomináveis coisas e aflições que eu via, uniam-se, fazendo parecer que este lugar fosse um símbolo do inferno, ou a sua porta de entrada. Não pude dormir várias noites depois que lá cheguei. Durante algum tempo senti que seria feliz se morresse, apesar de não considerar a morte como era necessário. Na verdade, nada podia encher de mais horror a minha imaginação do que o próprio lugar em que estava. Nada mais odioso do que a sociedade que ali se achava. Oh! se tivesse sido enviada a algum outro lugar, como seria feliz!

E depois, como as miseráveis empedernidas que lá estavam antes de mim, gritavam de alegria com a minha chegada. Que! Mme. Flanders em Newgate! Enfim! Que! Mme. Mary, Mme. Molly e em seguida Moll Flanders! Moll Flanders! Diziam elas que o diabo me ajudava por haver reinado impunemente tantos anos. Esperavam-me há muito tempo e eu chegava finalmente! Sujaram-me com excremento para me irritar, dando-me as boas-vindas num lugar onde deveria ter alegria, coragem e o coração forte para me não deixar abater completamente. As coisas não correriam tão mal como eu pensava e outras palavras semelhantes foram ditas. Depois fizeram vir cachaça, bebendo à minha saúde e à minha custa. Pois, diziam eles, acabava de chegar ao 'colégio' e que naturalmente tinha dinheiro no bolso, enquanto elas nada possuíam." (págs. 220-221)

Enquanto espera seu julgamento, fica sabendo que seu ex-marido Jemy havia sido preso também, acusado de saltear estradas em Hounslowheate e que também estaria em Newgate.

Tudo indica que Moll será sentenciada à morte, como lhe comunica um dos guardas da prisão.

"- Que fará? disse ele. É necessário buscar um ministro para lhe falar. Porque, na verdade, Mme. Flanders, a menos que tenha poderosos amigos, a senhora não é mais uma mulher deste mundo.

Era um discurso sem rodeios , realmente. Foi muito duro ouvi-lo. Ele deixou-me na maior confusão que se pode imaginar, e passei toda a noite acordada. E agora começava a fazer minhas orações, o que não fazia desde a morte de meu último marido. Na verdade mal posso chamar de orações o que fazia naquele instante, pois estava em tal confusão, mantendo o espírito tão horrorizado, que apesar de chorar repetindo sempre a expressão ordinária: - 'Meu Deus, tem piedade de mim!' – eu não chegava nunca ao verdadeiro sentimento de ser uma miserável pecadora, como o era, confessando meus pecados a Deus, pedindo perdão pelo amor de Jesus Cristo. Afundara no sentimento de minha condição, e assim passaria pelo julgamento capital e estava certa de ser executada. Eis por que gritava a noite inteira:

- Meu Deus, que farei?Meu Deus, que será de mim? Piedade! – e outras coisas semelhantes." (pág. 227)

No julgamento, Molly é condenada: *"... pronunciaram finalmente contra mim a sentença de morte. Eu não tinha absolutamente língua para falar nem olhos para levantar a Deus e aos homens"*. A ordem de execução deveria chegar na quinta-feira seguinte.

> *"Entretanto, minha pobre governante envoiu-me um ministro a quem ela suplicara vir visitar-me. Ele exortou-me seriamente a arrepender-me de meus pecados e de não mais jogar com a minha alma, não procurando iludir-me com esperanças de salvação. Não tinha, disse ele, o direito de esperá-la. Sem fingimento, era necessário voltar-me para Deus com fé, pedindo-lhe perdão em nome de Jesus Cristo. Pregou este sermão citando passagens próprias da Escritura, que encorajavam os maiores pecadores a se arrependerem, abandonando o mau caminho. Quando acabou, ajoelhou-se, rezando comigo. Foi então que pela primeira vez experimentei sinais reais de arrependimento. Comecei a considerar minha vida passada com horror, tendo outra visão das coisas.*
>
> *Os fatos da vida, tal como acontecem a todo mundo em idênticos momentos, começaram a tomar aspecto diferente e outra forma que eu não havia visto antes. A felicidade, a alegria e as dores pareceram-me coisas inteiramente secundárias. Não tinha nada no meu pensamento que não fosse infinitamente superior a tudo que eu havia conhecido na existência.*
>
> *Parecia-me a maior estupidez dar importância às coisas que não fossem do maior valor no mundo. A palavra 'eternidade' se apresentou com todas suas adições incompreensíveis e tive noção tão extensa, que não sei como exprimi-las."* (pág. 229)

Como Molly arrepende-se de seus pecados, é ajudada pelo ministro que, por meio de um recurso, consegue que a pena de morte seja comutada em degredo para a América, onde ela deveria servir como escrava durante cinco anos, mas Molly fica ainda em Newgate durante quinze semanas, durante as quais consegue contatar Jemy na prisão, e o convence a partir com ela para a América, já que a situação dele, por falta de provas, era juridicamente mais fácil e poderia negociar o degredo voluntário.

A governanta, usando o dinheiro de Moll, suborna o capitão do navio que faria o transporte para tratá-los como se fossem passageiros comuns e deixar o casal livre ao chegar na América. Na chegada, Moll e Jemy são "pseudo-comprados" e, livres, iniciam o projeto de fazer a América.

Moll descobre que seu irmão/marido ainda vivia e o procura (sozinha, para que Jemy não saiba deste episódio de sua vida pregressa) para saber se lhe fora designada alguma herança. Encontra o irmão/marido praticamente inválido e surdo. Não faz contato, mas conhece Humphrey, um dos seus próprios filhos que a recebe muito bem e lhe comunica sua herança de uma pequena área de plantação. Ela o transforma em herdeiro e lhe dá de presente um relógio de ouro (roubado). Não conta a seu filho sobre Jemy e não conta a Jemy sobre a herança. Moll e Jemy instalam-se em Maryland, comprando terras baratas com o dinheiro de Moll enviado pela governanta. Um ano depois, Moll volta à Virgínia para buscar as cem libras de renda da sua terra e descobre que seu irmão/marido havia morrido. Confessa ao filho seus planos de casar de novo e revela a existência de Jemy, a quem ela finalmente conta toda sua trajetória. Jemy fica meio abalado, mas o casal continua a prosperar e já tem cinqüenta servidores.

> *"Em suma, estávamos em ótima situação. A plantação crescia admiravelmente com a nossa administração. Depois de passar mais um ano em minha casa, atravessei outra vez a baía para ver o meu filho. Fui surpreendida logo que desembarquei, com a notícia de que meu marido e irmão havia morrido há quinze dias. Não foi uma notícia*

desagradável, pois poderia aparecer agora em condições de casar-me com um senhor meu vizinho. E que apesar de estar legalmente livre, tinha receio de reviver uma história que pudesse inquietar o meu antigo marido.

Ele, sempre terno, recebeu-me desta vez em sua casa, pagando-me as cem libras e enchendo-me de presentes.

Algum tempo depois, fiz saber a meu filho que me casara. Convidei-o para visitar-me. Meu marido também escreveu-lhe uma carta muito amável e obsequiosa, oferecendo-lhe nossa casa. Efetivamente ele veio no momento exato em que chegava o meu carregamento da Inglaterra. Convenci-o de que tudo pertencia a meu marido.

É necessário observar que, quando meu antigo marido (refiro-me ao meu irmão de Newgate) faleceu, relatei francamente toda a história a meu novo marido, confessando-lhe que aquele a quem chamava de 'primo' era meu próprio filho. Concordou com tudo, declarando-me que não teria ficado perturbado se o velho ainda estivesse vivo e dizendo-me:

- Efetivamente, não foram culpados. Foi um erro impossível de se evitar.

Apenas censurou-o por me haver suplicado para tudo esconder e vivermos como marido e mulher depois de sabermos da verdade. Isto teria sido uma conduta vil. Assim todas as dificuldades se apaziguaram e vivemos juntos na maior harmonia e no mais profundo conforto que se possa desejar. Somos velhos agora. Voltei à Inglaterra com perto de 70 anos. Meu marido está com 68. Há muito tempo que o termo de minha deportação terminou. Apesar de todas as fadigas e misérias que atravessamos, conservamos boa saúde e ótimo coração. Meu marido demorou-se ainda algum tempo na plantação, a fim de regularizar os nossos negócios. Depois voltou à Inglaterra, onde resolvemos passar o resto de nossos dias, numa união sincera e deixando de parte a lembrança da nossa abominável vida passada." (págs. 258-259)

Na última linha está marcado "Escrito no ano de 1683".

(Resumo feito por José Monir Nasser, com excertos traduzidos por Lúcio Cardoso, retirados de "As Confissões de Moll Flanders", 2ª. Edição, Editora José Olympio, Rio de Janeiro, 1955.)